



Breve comentário acerca do Fragmento A216, de Friedrich Schlegel

Andréa Sirihal Werkema (UFMG/CAPES)ⁱ

Resumo:

O Fragmento 216, publicado por F. Schlegel na revista *Athenäum* (1798), alinha, em pé de igualdade valorativa, a Revolução Francesa, a doutrina-da-ciência de Fichte e o *Wilhelm Meister* de Goethe. O fragmento antecipa o escândalo que tal combinação poderia causar – e chega à conclusão de que o leitor capaz de compreender o alinhamento de tão diversos fatos histórico-culturais seria alguém capaz de enxergar a revolução não apenas nos movimentos sísmicos das populações, mas também nos livros, depositários silenciosos das grandes mudanças do pensamento. Uma visão mais abrangente da história da humanidade requer, portanto, na visão de Schlegel, a aceitação de diversos “gêneros” (ou formas) da capacidade crítico-reflexiva dos homens de sua época. O próprio fragmento em que se encontra expresso tal alinhamento problemático seria já uma forma complexa e irônica, pois afirma, peremptoriamente, uma “verdade” dificilmente sustentável se examinada dentro de qualquer esquema lógico e/ou científico.

Palavras-chave: fragmento, ironia romântica, gênero literário.

Abstract:

The polemical Fragment 216, published by F. Schlegel in the *Athenäum* (1798) journal, aligns, in the same value level, the French Revolution, Fichte’s doctrine-of-science and Goethe’s *Wilhelm Meister*. The fragment presupposes the scandal that such a combination could arise – and comes to the conclusion that the reader who could possibly understand this alignment of so diverse historic and cultural facts would be also able to see the revolution not only in the seismic movements of the populations, but also in books, the quiet keepers of the great changes of human thought. Therefore a more complete sight of the history of mankind requires, in Schlegel’s point of view, the acceptance of different “genres” (or forms) of the critical ability of contemporary men. The fragment itself, which carries such problematic alignment, could be understood as an ironic and complex form, because it states a kind of “truth” that could not hold itself under any logic or scientific exam.

Keywords: fragment, romantic irony, literary genre.

Fragmento A216, de Friedrich Schlegel: A Revolução Francesa, a doutrina-da-ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época. Alguém que se choca com essa combinação, alguém ao qual nenhuma revolução pode parecer importante, a não ser que seja ruidosa e material, alguém assim ainda não se alçou ao alto e amplo ponto de vista da história da humanidade. Mesmo em nossas pobres histórias da civilização, que no mais das vezes se assemelham a uma compilação de variantes, acompanhadas de comentário contínuo, a um texto clássico que se perdeu, alguns livrinhos, nos quais na época a plebe barulhenta não prestou muita atenção, desempenham um papel maior do que tudo o que esta produziu. (SCHLEGEL, 1997, p. 83).

O fragmento romântico, como utilizado por Friedrich Schlegel, Novalis e seus companheiros do chamado grupo de Jena, ditos os *Frühromantiker*, ou primeiro-românticos, já nasce enquanto forma, ou gênero literário, que revisita ironicamente a própria história das formas literárias. Usado desde a antiguidade clássica, seja no discurso médico (Hipócrates), legislativo (Sólon) ou político (Tácito), seja mesmo, inicialmente, em sentido oracular, o aforismo veicula um saber que se pretende indiscutível – tem algo de máxima, de sentença, de dito lapidar, curto e dogmático. Não se questiona o aforismo, e, se houver espaço para um questionamento, saímos do âmbito propriamente aforismático. Para mobilizar a recepção em direção a uma adesão total, o aforismo utiliza a elaboração breve e concisa, a enunciação sentenciosa, categórica e espirituosa e uma total independência em relação a um contexto discursivo maior.

O fragmento romântico revisita essa forma e a transforma em antigênero, ou, nas palavras dos primeiro-românticos, a romantiza (do verbo *romantisieren*). Tirado diretamente dos moralistas franceses, cunhadores de aforismos como Chamfort (lido e citado por Schlegel), o fragmento muitas vezes “finge” dizer uma verdade, contra a qual costuma se voltar quase que imediatamente. Assim, ao mesmo tempo em que descende e se aproveita da fixidez do gênero aforismático, o fragmento o contradiz tanto na forma quanto no conteúdo. Friedrich Schlegel, em seus escritos para a Revista *Athenäum*, de 1798, faz questão de diferenciar os fragmentos dos aforismos de seu predecessor imediato, Chamfort (1741-1794): cada fragmento, apesar de sua aparente autonomia¹, depende da série em que está inscrito para que ressoe melhor, e isso se pode ver nas referências internas, nos diálogos estabelecidos entre os fragmentos e as obras filosóficas e literárias

¹ A206: “É preciso que um fragmento seja como uma pequena obra de arte, inteiramente isolado do mundo circundante e completo em si mesmo, como um ouriço.” (SCHLEGEL, 1994, p. 103)

que se discutem ao longo da série² e na sua autoria compartilhada pelos membros do grupo de Jena (os fragmentos da série de 1798 são de autoria de Friedrich e August Wilhelm Schlegel, Novalis e Schleiermacher).

A diferença mais importante entre os aforismos e os fragmentos românticos, no entanto, estaria no uso não apenas do engenho e da espíritosidade (*Witz*), mas também, e principalmente, da ironia – ironia romântica, gênero que começa a ser definido justamente nos fragmentos schlegelianos. A ironia romântica se caracteriza por sua natureza não apenas retórica, mas antes de tudo formal. Ela atua ao mesmo tempo na estrutura e no sentido do texto, invertendo os possíveis significados formados na esfera da recepção. Ao invés de buscar a adesão, por força de sua configuração enxuta e oracular, o aforismo romântico, agora fragmento, constrói e destrói a sua “verdade” ao usar de ironia: “Muitas obras dos antigos acabaram como fragmentos. Muitas obras dos modernos já nascem assim.” (SCHLEGEL 1994,p.93) A ironia romântica contradiz não apenas, portanto, o gênero histórico do aforismo; revisita fatos, obras de arte e sistemas de pensamento com a irreverência que lhe permite um incessante movimento dialético, que nunca se ancora em uma síntese estabilizadora.

O fragmento A216, enfim, propõe, em sua primeira oração (“A Revolução Francesa, a doutrina-da-ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época.”), um típico aforismo, lapidar, conciso e surpreendente. O verbo “ser” afirma, sem sombra de dúvidas, a preeminência de uma revolução popular, social e política, de uma doutrina filosófica e de um romance de formação entre as “maiores tendências da época”. A parte restante do fragmento dedica-se a refutar qualquer escândalo que tal enumeração pudesse causar – e antecipa, ironicamente, a inevitabilidade de um tal escândalo. Temos portanto exemplificado, nesse fragmento, o modo de funcionamento da ironia romântica: sua ação estrutural, formal, e sua ação iconoclástica em relação aos “eventos” citados.

Enquanto forma retórica, o fragmento romântico tenta traduzir o pensamento tortuoso de seus autores, mestres do relativismo e dos não-ditos. O silêncio comparece nos fragmentos de forma não apenas a dificultar o seu entendimento, mas antes a abrir as possibilidades de se entender o que (não) foi dito. Por razões formais, um fragmento deve procurar ser breve, e isso atua de maneira determinante em sua compreensibilidade. No caso do fragmento A216, a brevidade da primeira oração é parcialmente ameaçada pela

² Cf. FIRCHOW, P. Introduction. (In: SCHLEGEL, 1971, p. 14-17)

argumentação que se segue, a favor de uma aceitação da lista aí desenhada. Em termos retóricos, temos uma forma paradoxal, um antigênero, que afirma e coloca em dúvida a mesma afirmativa, ao mostrá-la como passível de ser questionada. E que questionamento! Aquele que não aceitar a razoabilidade da lista proposta é tachado de ignorante das verdadeiras revoluções humanas – as revoluções que se dão nas páginas dos livros. Ora, não é preciso fazer nenhum esforço para demonstrar que o fragmento se inclui entre a estirpe dos textos revolucionários, escandalosos, e que por isso mesmo não será entendido, e muito menos aceito, pela “plebe barulhenta”. Ao traçar, pelos seus avessos, um receptor ideal para a sua mensagem, o fragmento lança luz sobre a “história da humanidade”, exteriormente marcada pelos movimentos sísmicos barulhentos das populações, silenciosamente sacudida pelas grandes mudanças do pensamento humano que se dão entre livros. Uma visão mais abrangente da história da humanidade requer, portanto, na visão de Schlegel, a aceitação de diversos “gêneros” (ou formas) da capacidade crítico-reflexiva dos homens de sua época.

Não nos esqueçamos de que a série em que se inclui esse fragmento, apesar de lidar com um amplo espectro de assuntos (filosofia, literatura, história, política, religião, moralidades, fatos sociais etc.), é antes de tudo uma série que comenta o texto literário – incluindo-se aí, sem grandes problemas classificatórios, o texto filosófico. A visada de F. Schlegel parte do texto escrito para encontrar analogias reversíveis com os movimentos históricos. Os fragmentos do *Athenäum* buscam levar a público uma nova visão de mundo, altamente estetizada: a visão romântica. O mundo romântico admite reversibilidades infindáveis e faz da contradição uma espécie de modo de ser. Ou melhor, o mundo romântico não admite um fechamento, um pretérito perfeito, para qualquer sistema, seja no fato histórico, seja na obra filosófica ou literária. Por isso, como dirá em texto posterior o próprio Schlegel, falava-se no fragmento A216 de “tendências”: “Abro mão, portanto, da ironia e declaro abertamente que, no dialeto dos fragmentos, a palavra significa que tudo ainda é apenas tendência, a época é a época das tendências...”³ É exatamente a esse “dialeto dos fragmentos” que nos referimos quando pensamos em uma visão de mundo romântica: a forma da expressão romântica será de preferência o fragmento, mesmo em suas versões mais longas, como o romance, o drama, ou as variadas formas da poesia.

³ Citado por SUZUKI, M., em suas notas à tradução. (In: SCHLEGEL, 1997, p. 191)

O fragmento A216 mistura autobiografia e aforismo em alto grau de metaforização poética: sua proposição não se sustentaria se examinada dentro de qualquer esquema lógico e/ou científico. Dentro de uma visão schlegeliana, no entanto, ele faz todo o sentido, pois reafirma o que já fora proposto pelo mais conhecido dos fragmentos do *Athenäum*, o 116, citado sempre como um programa para o projeto do primeiro Romantismo. Voltando ao que dissemos um pouco atrás, uma visão mais adequada da história da humanidade, a visão romântica, requer a aceitação da convivência de formas muito diversas da capacidade humana de criar, de mudar, de destruir ou de reorganizar. A obra de arte romântica é metáfora para a humanidade:

A poesia romântica é uma poesia universal progressiva. Sua determinação não é apenas a de reunificar todos os gêneros separados da poesia e estabelecer um contato da poesia com a filosofia e a retórica. Ela também quer, e deve, fundir às vezes, às vezes misturar, poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia artística e poesia natural, tornar a poesia sociável e viva, fazer poéticas a vida e a sociedade, poetizar a espirosidade, preencher e saturar as formas da arte com toda espécie de cultura maciça, animando-as com as vibrações do humor. Ela abrange tudo em que está o poético, desde os maiores sistemas da arte – que em si contém vários outros – até o suspiro, o beijo que a criança poetante exala em canção singela. (SCHLEGEL, 1994, p. 99)

Pensar a história da humanidade em termos estéticos, ou talvez entendê-la enquanto um texto fragmentário a ser lido com atenção em suportes diversos: o Romantismo aspira à presença da subjetividade em todas as manifestações do humano. Por isso podemos falar em autobiografia, no sentido romântico: qualquer escrito que valha a pena uma leitura, isto é, leitura crítica, traz em si a marca de seu autor, enquanto instância subjetiva. Comentando o seu fragmento A216, Schlegel dirá ainda: “Que considere a arte como o cerne da humanidade e a Revolução Francesa como uma notável alegoria do sistema do idealismo transcendental, é de fato apenas uma de minhas visões extremamente subjetivas.”⁴ É necessária a visão romântica para que tais eventos se alinhem em pé de igualdade valorativa. A tendência da época é a justaposição coerente de uma revolução social, uma doutrina filosófica e um romance de formação. Até nossas pobres “histórias da civilização” já haviam percebido que um pequeno livro pode ser mais

⁴ Citado por SUZUKI, M., em suas notas à tradução. (In: SCHLEGEL, 1997, p. 191)

desestabilizador do que o barulho das massas – e mesmo um movimento social pode ser lido enquanto alegoria de um sistema de pensamento.

Mesmo um comentário tão ligeiro como este, no entanto, deixa transparecer uma característica inegável do fragmento romântico: sua ironia muitas vezes provoca ruídos inevitáveis na recepção. O fragmento é de difícil entendimento. Este que aqui estamos lendo, o A216, inclui em sua estrutura essa percepção, e faz de sua ininteligibilidade uma qualidade positiva: é preciso aprender a ser irônico para ler o fragmento – gênero não-sistemático, linguagem cifrada. Há um método irônico, assim como há um método para a história, para a filosofia e mesmo para o romance. Espalhando, a partir da obra de arte, a ironia por todas as esferas do humano, Schlegel pode ler ironicamente a história da humanidade. Um sistema dialético incessante regula essa leitura: é o mesmo sistema que permite a Schlegel, no espaço de um fragmento, erguer um *constructo* dos grandes fatos de sua época e derrubá-lo com o sopro da ironia. Esse pequeno texto, aqui lido tão imperfeitamente, oferece ao desavisado leitor uma nova forma (no sentido de formatar, quase que de instrumentalizar) de ver o mundo. Podemos arrolar entre as conquistas da modernidade não apenas a visão dialética dos eventos de nossa história, mas antes de tudo a nossa aceitação de suas inegáveis, humanas contradições, incompletudes e incompreensibilidade.

Referências bibliográficas

SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde and the fragments*. Trad. Peter Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971.

SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. Trad. Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

ⁱ Andréa Sirihal WERKEMA, Profa. Dra. Bolsista recém-doutora do PRODOC/CAPES
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit)
aswerkema@hotmail.com